14º FEPEG
FÓRUM DE ENSINO, PESQUISA EXTENSÃO E GESTÃO
"O conhecimento (re)Visitado: Novos desafios para a Universidade"
Realização: Unimontes, MINAS GERAIS
Apoio: FADENOR
ISSN: 1806-549X

AUTOR(ES): LAURA MENDES MATOS
ORIENTADOR(A): RAFAEL DIAS DE CASTRO

"CORAÇÃO SELVAGEM": A MIDIATIZAÇÃO ROMÂNTICA DO CASO ELOÁ EM "ATÉ QUE MORTE NOS SEPARE"

Introdução

Esse trabalho propõe-se analisar a midiatização romantizada do caso Eloá Pimentel operada no documentário serial "Até que a morte nos separe", haja vista a importância de tratar-se o problema da legitimação da violência de gênero, que resulta no assassinato de mulheres, observando ainda as relações entre patriarcado e corroboração do feminicídio, bem como as relações entre construção da vítima e do agressor e a naturalização do delito. Essa abordagem de midiatização da violência permite adentrar o espaço das representações que a sociedade faz de si no tempo presente, a partir da projeção de estereótipos e papéis sociais que são cunhados sob o estigma da criminalidade, e das "estruturas tradicionais" estigmatizadas de gênero, fazendo com que a figura do criminoso fique socialmente romantizada.

Material e Métodos

A violência de gênero se apresenta como um fenômeno histórico e estrutural, comparativamente ao tempo de perpetuação dessa situação, só muito recentemente este paradigma foi subvertido. Neste contexto, Nader (2007) elucida que a tese feminista sobre a questão da violência de gênero aponta este fenômeno como resultado direto dos valores patriarcais que valorizam positivamente o sexo masculino e tudo que a ele diz respeito e desvaloriza tudo que é feminino e diz respeito à mulher. Assim, a diferença de gênero torna-se desigualdade hierárquica e o homens exercem o poder de agredir as mulheres com legitimidade.

Isto posto, entendemos que a midiatização romantiza do caso Eloá atua nessa lógica de instrumentalizar a compreensão da maneira pela qual a mídia atua para dar sentidos e ressignificar as representações dos criminosos passionais, os processos de construção social da figura do sujeito criminoso, através da veiculação espetacularizada e da romantizações imperada, traduzindo nas questões da violência de gênero.

Descarte um breve resumo, Eloá Cristina Pimentel tinha 15 anos e morava em Santo André, cidade do estado de São Paulo. Lindemberg Alves, de 22 anos, era seu namorado havia três anos. Ele terminou o namoro, se arrependeu e quis reatar a relação. Eloá não quis retomar o namoro. Lindemberg, inconformado, invadiu o apartamento onde ela morava, fazendo-refém junto com mais três colegas de escola.

Nayara foi libertada no dia seguinte, mas acabou retornando ao apartamento alguns dias depois, permanecendo ali até o desfecho do caso. O cárcere privado de Eloá ocorreu do dia 13 ao dia 17 de outubro de 2008, contabilizando 100 horas, só terminando quando a polícia invadiu o apartamento. Durante a invasão da polícia, Lindemberg atirou em Eloá (púbis e cabeça) e Nayara (rosto) antes de ser dominado e preso. Nayara sobreviveu, apesar dos ferimentos. Eloá morreu no dia 18 de outubro.

Esse caso ficou conhecido pela imensa atuação da mídia de todos os seguimentos, já que em determinados momentos os envolvidos até falaram ao telefone com as jornalistas, bloqueando inclusive a linha que era usada para contato com os policiais, a repercussão chegou até em mídias internacionais. O julgamento de Lindemberg durou quatro dias, e ele foi considerado culpado por 12 crimes e condenado a 98 anos e 10 meses de prisão. Sua sentença foi transmitida ao vivo por diversas redes televisivas.

É uma série televisiva brasileira cujos episódios abordam crimes passionais notórios que aconteceram no país desde a década de 1990, feita pela Prodigo *Films*, criada por Giuliano Cedroni, dirigida por Eduardo Rajabally e com produção executiva de Beto Gauss, foi vencedora do prêmio *Promax BDA LatinoAmerica* 2012, atualmente teve os direitos comprados pela Netflix e está no catálogo da mesma, assim através de depoimentos dos profissionais, imprensa e testemunhas envolvidas nos casos, a série lança a história desenhada e abordada na visão desses "personagens", utilizando-se dos elementos narrativos característicos das produções cinematográficas para alcançar o clima de drama que deseja-se.

Resultados e Discussão

ISSN: 1806-549X

"Matei por amor" foi a frase dita por Lindemberg Alves no depoimento dado a polícia, logo após os atos que aconteceram, fala que ficou estampada durante dias em todos os veículos de comunicação. No estudo qualitativo de processos judiciais referentes aos crimes de homicídio tentado e consumado contra as mulheres, Marta Machado (2015) buscou acessar questões que o feminicídio suscita no interior do sistema de justiça, e segundo a autora foi possível verificar, através de depoimentos, que as justificativas dadas por quem comete esse crime, numa tentativa de legitimar suas ações, são em grande maioria relativas a ciúmes ou sentimento de posse em relação à vítima e inconformismo com o fim do relacionamento apareceram nos processos, a autora ainda destaca que um aspecto que merece análise concreta seria a construção de imagem da vítima e do autor do crime na narrativa estabelecida pela exposição midiática.

A Agência Patrícia Galvão, ligada ao Instituto PAGU (Unicamp), divulga em seu site dossiês com expressões comuns, publicadas diariamente na imprensa brasileira, que reportam os feminicídios como sendo "crimes passionais": "Matou por ciúme"; "Não aceitava o fim da relação"; "Enlouqueceu e desferiu 40 golpes de faca contra a ex-mulher". Essas motivações, atesta a Agência, não são amor ou desejo, são sentimentos de posse, é a negação da autonomia da mulher e sua objetificação (coisificação). É misoginia – o ódio ao feminino.

Eluf (2007) afirma que a sociedade ainda vive os reflexos do romantismo do século XIX, a autora elucida que é comum que os meios midiáticos fomentem o discurso de ódio em casos graves, como os de crimes passionais, e nesse, Jane Nascimento (2010) considera que na maioria dos casos de homicídios entendidos como passionais ocorridos no país, são apresentados como resultados da desobediência da vítima, que não aceita ser dominada pelo agente ou não se comporta de acordo com os valores estipulados pelo companheiro, tido como detentor do controle.

Segato(2003) acrescenta a esses conceitos dois eixos de atuação, relacionados ao agressor, sua vítima e seus pares. No eixo que denomina vertical ela inclui a relação assimétrica entre agressor e vítima, enquanto que no eixo horizontal se encontram as relações entre agressor e seus pares, uma "irmandade masculina" na qual todos trabalham para manter a simetria de suas relações, mesmo que com isso precisem reforçam a assimetria das relações verticais.

Segundo Rial(2004) muitos estudos apontam para o poder da mídia em desencadear fenômenos sociais e estabelecer ou modificar modelos de comportamento. Sobre isso, a análise crítica dos efeitos da mídia considera o que ela veicula como uma prática social e busca investigar a ideologia implícita nos textos que dela surgem, e que estão tão naturalizados na sociedade ao tratá-los como modos aceitáveis e naturais do discurso.

Na série "Até que a morte nos separe", no episódio Coração Selvagem, a produção propõe fazer análise através dos profissionais convidados, sobre a passionalidade envolvida nos casos que abordam e levam ao fim trágico de relacionamentos, o psiquiatra entende que a reação e consequências proferidas por Lindemberg são associados ao "seu amor ferido", onde faria "qualquer coisa para ter Eloá de volta, nem que fosse na marra".

Exibe-se ainda, uma conversa de Lindemberg ao telefone, falando "eu tô agredindo minha namorada" e, quando a jovem responde que não é namorada dele, é possível ouvir o barulho de tapas e ordens para ela calar a boca, o que reforça a interpretação sobre briga de casal ser algo pessoal, que a polícia não deveria ser envolvida. Durante boa parte das reportagens na mídia apontada, ele é mostrado como o menino bom que ficou abalado com o término do relacionamento e tomou uma decisão passional, levando o telespectador a se questionar se a menina não teria feito algo para desestabilizar o rapaz ou o motivo dela não o perdoar, já que ele é tão apaixonado que chegou a tomar esse tipo de atitude passional.

Destarte, Esteban (2011) fundamenta que o "amor", tal como é demonstrado numa cultura ocidental moderna, questiona seus aspectos idealizados e naturalizados, podendo haver a confusão entre reconhecimento e posse e a invisibilização de diferenças de poder implícitas no ideal amoroso.

A série mostra ainda o comandante da operação, em determinado momento afirmou que a equipe poderia ter dado um tiro de comprometimento, mas "era um garoto de 22 anos de idade, sem antecedentes criminais e uma crise amorosa".

Considerações finais

É importante salientar que a discussão aqui apresentada faz parte dos trabalhos desenvolvidos na pesquisa no Programa De Pós-Graduação em História Da Universidade Estadual De Montes Claros (PPGH-UNIMONTES) e que os resultados aqui apresentados são resultados parciais e, portanto, passiveis de alteração.

Assim torna-se essencial elucidar as presentes teóricas da televisão, já que ela continua a mídia a tingir esses casos com as cores do "amor". Entender a linguagem e os códigos comunicacionais que regem a estética dos programas e permitem a midiatização dos fatos sobre a violência contra mulher se torna objeto espetacular de entretenimento, um

ISSN: 1806-549X

show do crime que trava complexas tramas de graves casos de violência doméstica, e que podem ser compreendidos de forma superficial.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). Agradecemos também a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo apoio ao Programa De Pós-Graduação Em História Da Universidade Estadual De Montes Claros (PPGH-UNIMONTES).

Referências

BORELLI, A. Matei por amor: as representações do masculino e do feminino nos crimes passionais. São Paulo, 1999. Dissertação(Mestrado em História Social) PUC-SP.

CAPUTI, J.; RUSSELL, D. Femicide: sexist terrorism against women. In: RADFORD, Jill; RUSSELL, Diana (org).Femicide: the politics of woman killing. New York: Twayne Publishers, 1992. p.15.

CORRÊA, M. Os crimes da paixão. Editora: Brasiliense. São Paulo, 1981.

ELUF, L. N. A paixão no banco dos réus: casos passionais célebres: de Pontes Visgueiro a Pimenta Neves. São Paulo : Saraiva, 2007.

GALVÃO, D. S. A Paixão e o Crime Passional. 2016.Disponível em:. Acesso em 02 de outubro de 2018.

IZUMINO, W. P. Justiça e violência contra a mulher: o papel do sistema judiciário na solução dos conflitos de gênero. 2ed. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2004. p.30-31.

NADER, M. B. Família, mulher e violência. Vitória: PPGHis. 2007. 17

OLIVEIRA, Gracielle Lima de. Eloá e o feminicídio: Assassinatos Silenciados e Naturalizados como Espetáculo. Conferência internacional de estudos Queer. 2018.

PRADO, D. & SANEMATSU, M. Feminicídio: #Invisibilidade Mata. Fundação Rosa Luxemburg. Instituto Patrícia Galvão. São Paulo.2017.

RIAL, C. Antropologia e mídia: breve panorama das teorias de comunicação. Revista antropologia em primeira mão. Florianópolis: Programa De Pós Graduação Em Antropologia Social.2004.

RIBEIRO, Beto. Até que morte nos separe. 1º Temporada, ep.4. Duração: 45 min, Plays 84.752.Gênero: Série- Documentário. Diretor: RIBEIRO, Beto:45min. Ano: 2017. Formato: HD. País: Brasil. Local de Produção: SP. Cor: Colorido

SEGATO, R. L. Que és un feminicídio. Notas para un debate emergente. Brasília: UnB, 2003. p.4-5. 6.